



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PROPRIET.ª

Casa do Gaiato do Porto
PACO DE SOUSA

Director e Editor

PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

FUI por aí abaixo, até S. Martinho-do-Pôrto, onde o mar entra por uma nesga e faz uma concha tão mansa e tão delicada, que a vida ruidosa de outras praias, tem medo e foge. Tudo ali é tranquilo. Celebrei no altar de S. Martinho. A'estação da Missa, disse do garoto dos caminhos e a multidão escudou. Já assim fôra na praia de Espinho; parece que o vento devia levar as palavras, pois que as disse à beira mar, mas o coração prendeu-as e todos, nas ruas e nos cafés, escutaram. O coração é o tesouro do homem; é mesmo por onde ele é homem. Inteligência, prestígio, fortuna, posição,—sómente valem, se o coração estiver.

Mãos piedosas desceram ao corpo da igreja, a recolher piedosas ofertas; notas, moedas, oiro,—o SIM devoto de uma assistência cristã. O mundo anda com muita fome de justiça. Quando a vê, dá; que o alimento adequado daquela virtude, é justamente dar para que cada um tenha o que é seu. Soube que de entre os assistentes, houve uma filha que pediu ao pai licença de oferecer uma pulseira. O Pai disse que sim e ofereceu êle também um anel—e que anel! Pai e Filha despojaram-se. Trata-se de um nome das mais gradas famílias da nossa terra.

Outra joia, é um cestinho de rosas de oiro, de trazer ao peito. Ninguém sabe quem deu. Oh praia tranquila de S. Martinho-do-Pôrto!

Fiquei aquela tarde. Criaças fidalgas, apeiam-se de bicicletas, para me dizerem que têm muita pena dos pequeninos da rua, e dão esmolos, de mando de seus pais.

Uma Fidalga vem ter comigo, já escuro, e dá 500\$00 de uma reunião lá em casa. Um van Zeller, manda uma carta formosa e dentro, uma nota das maiores que o Banco faz. Não se sabe que van Zeller foi; êles são tantos! Com um van Zeller, tinha falado ontem no Pôrto. Uma van Zeller, deu-me da sua merenda na viagem. Van zellers têm escrito a pedir vez nas nossas casas. A arvore das van zellers é enorme. Caiu em Portugal, onde lançou raizes e tem dado bons frutos.

Três irmãosinhos, vão a uma casa onde eu estava, com um envelope. O mais velho, talvez 7

anos, apresenta os irmãos e dá o recado do Pai. Tiro de sôbre a a mesa uma bolacha para dar ao mais pequenino dêles, talvez de 4 anos. Não aceita. Ateimo. Não abre a boca. O mais velho explica —é que nós não podemos comer fora de horas.

Senhor Doutor Ravara; bem haja pela lição que o Seu filho me deu. Hei-de aproveitá-la para os meus. Que todos os Pais aproveitem. Aquele não podemos é simplesmente formidável.

A hora de comboio foi de mais ofertas—as da ultima hora. A viagem do Pôrto fôra, já, auspiciosa: houve um tome lá 50\$00 em Aveiro e mais 10\$00 idem. Houve 50\$00 na carruagem. Houve um a gente agora nunca o vê e aqui tem 200\$00.

Tinha sido auspiciosa. Muito mais o foi a romaria; um nadinha abaixo de oito contos, sem falar em 15 gramas de oiro em obra. Temos o calice da nossa capela

Maior da Casa. Não está certo! O Adriano de Tomar, rachou a cabeça e anda com doze pontos.

O Cozinheiro-chefe, traz um braço ao peito. O Zé Maria saiu de roupeiro e passou a pasta ao Zé Luis. Fugiu tantas vezes da nossa casa e tantas regressou pelo seu pé! Não sabe dos pais, nem da casa, nem da terra onde nasceu; é um achado precioso.

Mais no comboio um tome lá 100\$00 para os seus rapazinhos. Mais na auto-motora um olhe estes 20\$00 pela acção do Augusto. Mais 200\$00 de visitantes. Mais roupas e um presunto idem. Mais 100\$00 no Banco. Mais 50\$00 de visitantes. Mais idem idem. Mais o dobro idem. Sim; tragam pedras para o nosso monumento de resgate. Certa critica tem reparado no tamanho das casas: para quê tantas janelas?

Mais janelas têm as cadeias! Ora as janelas da nossa aldeia, são justamente para deminuir um

à parte, tira a carteira e dá-me um rolo de cinco notas de conto! Não posso aceitar, disse. Pois se eu tinha-o conhecido ontem nas ruas de Coimbra, em franca e gloriosa penúria de estudante!

—Perdão. E' da minha Mulher.

—A sua Mulher é rica?

—Não; mas ama esta obra e quiz que fizessemos o propósito de nos privarmos do que é dado às luas de mel, e poupar esta soma para cá.

Feliz casal!

Mais 40\$00 do Seixal e da mesma terra, a promessa de um porco gordo. Que bom! E' por causa do Filipe. O povo daquela terra gostou de ver o Filipe na fotografia, e não quiere ficar só em palavras. Cá esperamos. Que venha quanto antes. Há-de ir o Filipe à estação de Cete por êle.

Almocei ontem no Bussaco com uma Família Alentefjana, onde soube coisas do Doutor Notário do Seixal, a quem chamo agora, por saber que êle é muito novo. Ele é o simpatico Rapaz que desde há muito tempo se vinha interessando pela sorte do Filipe. Gostei de ouvir que há rapazes novos, em postos de responsabilidade, dispostos a fazerem alguma coisa que se veja, e aperto-lhe aqui a mão. Mais soube que êle namora. Desculpe, senhor Doutor, a pequenina inconfidencia. Sim. Muito bem.

Faça um lar feliz. Faça cristandade como diziam dantes aos missionários, os nossos Reis. Há hoje muito paganismo nas famílias. São precisos missionários.

Sciencia, mocidade, bondade, compreensão — suportes preciosos da Cruz! Pois que depressa sejam esposos e depois—sempre noivos; esta é a minha oração a vosso respeito.

Mais 100\$00 de Vidago, mais num eléctrico do Pôrto, um aqui tem estes 20\$00, mais no comboio a caminho de Coimbra, um perdão, você é que é o Padre Américo? Sim senhor. Tome lá 100\$00. Mais nas ruas de Coimbra 20\$00. Mais dois dedos de cavaco em casa amiga, acompanhados de café e bolos e no fim uma carapuçada de notas. Mais numa estação do Caminho de ferro um aperto-de-mão à despedida e 40\$00. Mais um tome lá 500\$00 e mande o III volume do Pão dos Pobres. Não precisas

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

à vista!

Regressei. À passagem por Monte Real olhei para o Hotel. Talvez um assalto fizesse bem aos assaltados, mas eu não tinha voz de chamada; ora a boda e a batizado, só irás se fôres chamado. Talvez o façam para o ano.

Parei em Coimbra. Paguei um cão aos Martas, de azeite. Deixei para outra vez uns rafeiritos na Baixa, dei volta pelas tocas, morada da minha gente, e fui dormir a Miranda, onde não ia há um rôr de tempo. Fui encontrar o Zé Mau! Deu-me tal abraço que me ia prostrando e logo me relatou de como havia deitado o Freitas de cangalhas, num desafio de futebol. Ora o Freitas é o

nadinha a entrada de criminosos nos carcereiros. Mais 100\$00 de Monte Real, mais metade de Cinfães. Mais retirado de dentro de uma carta, esta esmola para nós: —olhe que todos os números me fazem chorar de comoção e me despertam o desejo de ser melhor. Mais no Depósito um pacote de roupas e um dito e um dito e ainda outro, todos amorosos, afirmação de presença; uma cama de ferro com seu colchão, varios presentes de anos.

Mais 20\$00 de um visitante, para a nossa conferência dos Pobres. Mais 10\$00 de um visitante. Chega um grupo; é um casal, em lua de mel.

Na aldeia, o Marido chama-me

Noticias Diversas

O nosso jornal costuma chegar do Pôrto a horas de ceia, quando tudo está à mesa. Toca a campainha e Tiroliro acode. Se é efectivamente o homem do jornal, Tiroliro berra da portaria: — *olha o Gaiato*. E logo em cima, 65 dêes, sem reverência pela hora e lugar, respondem: — *olha o Gaiato*.

O Pepe deu com um ninho de gatos num palheiro, trouxe-os todos para o refeitório e pô-los a tomar leite, de um prato. Mas isto provou ser medida impraticável. Todos queriam vê-los. Os mais pequenos punham-se sobre os bancos, em bicos-de-pé, a mirar: — *olha que giro!* Agora já não é assim. O Pepe, foi de novo colocá-los no ninheiro, tira leite das vacas e alimenta-os, até que os bichanos se possam apresentar. A mãe abandonou-os. A nossa Casa é dos abandonados!

O Filipe do Seixal não quer lavar a cara nem a mão de deus padre. Houve-se de nomear um fiscal! — *Anda Filipe*. — *Que queres tu; ainda ontem me lavei!*

ANDÁVAMOS seriamente preocupados com a falta de vasilhame, porquanto, ainda temos 4 pipas de vinho do ano passado.

Pois não foi necessário; os nossos rapazes resolveram o problema. Tantas uvas comeram nos dias da vindima, tantas, tantas, tantas, que temos agora pipas a mais!

mandar tanto; com 12\$50 fazes a festa. Aquela oferta foi por devoção. Mais 50\$00 e meia dúzia de peugas e outros tantos lenços de algibeira, para seu uso pessoal. A oportunidade leva muito alto as ofertas. Eu andava mesmo no fio. Nesse dia houve de sair para o sul e equipei-me com peças do precioso dado. Deus faça bem a quem faz bem. Mais umas horas na mata do Bussaco, em um destes formosos dias de Setembro. A's 9, já eu andava entre os cedros; a Missa estava marcada para as 11,30. Que linda preparação para o acto! Como é fácil ser-se feliz e gozar os minutos de cada dia!

Nem todos assim sentem, e, até, cuidam eu que muito poucos, acham a beleza do silencio.

Um dia destes, nos Clerigos, entra no eléctrico uma menina moderna.

— *Sabe, diz ela para um rapaz do mesmo estilo; venho do Bussaco. Você não sonha a tremenda chatice que aquilo é.*

O moço, para não destoar, declara que o Pôrto também estava muito chato. A pouco mais sobem as conversas da mocidade portuguesa, em nossos dias.

A's 11, tocava a campanola dos antigos Religiosos Carmelitas e no mesmo altar, com os mesmos paramentos, um pequenino grupo de fiéis, celebrou mais eu o mesmo Sacrifício Inculpato da Cruz.

Perto de dois mil escudos, foi a resposta que quizeram dar, ao recado que eu lhes dei. Em baixo, no Hotel Lusitano, havia mil escudos que alguém ali deixara para os Gaiatos.

Trabalha que Deus te ajudará, diz o povo, e eu cá ando. Mais 50\$00 de um visitante, mais 20\$00 idem, mais idem idem. E mais nada.

O Rui de Abrantes é agora o ajudante do dos quartos particulares. É muito pequenino; uns 9 anos talvez. Ageita. Ciranda. Põe flores. Eu estou a trabalhar, e deleito-me com o entrar e sair desta creança angélica, uma das mais tenebrosas histórias que nós cá temos. É justamente por via destas e de outras histórias, que este jornal é lido de fio a pavio e a Obra da Rua está no coração de cada português. Não é mesmo por mais nada.

O Rio-Tinto conduzia um carro de mão cheio de melancias, por uma das extensas avenidas da nossa quinta. Por cima há tectos de ramadas, por onde ontem passaram os vindimadores; folhas e... disse.

— *Meu amigo, ardeu a tenda; o que agora nos vale, são as melancias!*

Isto disse-me o Rio-Tinto, e seguiu caminho.

ESTA manhã foi vista a multidão dos nossos mais miudos convergir e estacionar em determinado sítio da nossa quinta. Havia um fremente alarido de aís e uís: *O' coiso, anda cá ver!*

Crescia o número, crescia a matanada, estavam os trabalhos em vias de serem interrompidos. Eu também fui. Que havia de ser? Um sapo!

Foi-lhes explicado de como os sapos são amigos da casa, pelo bem que fazem às nossas hortas, no final do que, tudo debandou na melhor ordem.

O nosso Arlindo é um dos mais pequeninos; talvez 7 anos. Quando todos saem da mesa, ele dirige-se à nossa, roça de mansinho por nós, faz cara muito piedosa e pede batatas. Mesmo que venha direitinho de as comer, as nossas sabem melhor; quere batatas.

Haja o que houver sobre a nossa mesa. Não importa se galinha ou sardinha.

— *Que queres, Arlindo?*
— *Batatas!*

Coloca-se no prato do Arlindo ou na mão, alguma coisa do que há sobre a mesa. Ele aceita delicadamente. Come, ali ao pé de nós, muito contente.

— *Que estás a comer, Arlindo?*
— *Batatas.*

A gente perde o nome de baptismo destas creanças, à força de os chamar pelas alcunhas que teem. A nossa Governante houve de ir fazer uma temporada à Foz. Decidiu-se que levaria consigo o *Sape-Gato*, por soírer de escrituras. Pois tivemos de ir ao livro de registo saber a história e o nome do rapaz! aqui há tempos, como quer que certos visitantes ouvissem chamar por *Tiro-Liro* para abrir a porta, estranharam o nome. Não podia ser o porteiro. *Tiro-Liro* não é nome.

— *Está ali deitado, disseram.*

— *Isto é o cão. O cão chama-se Top.*

O *Tiro-Liro* é o nosso porteiro. Por ele é que nós chamamos!

DOIS dos recentes garotos, ateimaram à nossa porta durante dois dias e duas noites, sentados numa pedra.

Nunca tal se viu!

Pois agora divulgou-se que o responsável por tanta renitência dos dois pequeninos vagabundos, foi o *Tiro-Liro*, o porteiro. Na hora em que lhes ia levar de comer, dizia: — *não vás embora que tu entras!*

E o castelo rendeu-se. Entraram. São felizes; o *Tiro-Liro*, mais.

É extremamente difícil o eu fazer qualquer trabalho de fôlego, no meio da comunidade das nossas casas. Os garotos não deixam. Teem sempre que dizer e que mostrar. Agora mesmo vem um com duas pombas na mão — *olhe!* Tenho de interromper a escrita, dizer coisas, participar. Eles acham tudo

belo. As coisas mais insignificantes tomam entre nós realce esquisito. É a vida a trasbordar.

O José Eduardo (o Pôrto) é o nosso maior irrequieto. Discute, faz troça, imita; brinca na escola e nas obrigações. Da própria obrigação, faz brinquedo. Foi necessário amarrá-lo com uma guita à mesa de passar a ferro, na casa de costura, onde éle tem a sua ocupação. O Fernando, outro pequenino roupeiro, foi deputado para lhe chegar as coisas, maior vaso das necessidades menores... Eu entrei na rouparia.

— *Olhe; tem 2 metros e 22.*

— *O quê?*
— *A guita!*

A saída da porta, ouvi um engraçado *béu-béu!* O José Eduardo associa ideias. Se está preso por uma guita à perna da mesa, faz de cão! Mas trabalha. A' noite, tem a sua tarefa concluída.

O Periquito trouxe da Granja o Chinês, como em outro lugar se diz. O Chinês anda muito saído. Quere ir pedir. Traz o vício da pedincha. Visitante que apareça, Chinês corre imediatamente a dizer que se quere ir embora e no final remata com o *dê-me um tostãozinho!* Por enquanto não se sabe o que é que éle resolve; se fica, se vai. Tenho surpreendido calorosas discussões. O Zé Maria de Cinfães costuma ser o orador.

— *O' meu grande burro, olha que eu já fugi e estou bem arrependido!*

E agora por fugir. Devo esclarecer o público que qualquer garoto que daqui sai é simplesmente porque quere. Não é por ser mandado, tão pouco por ser castigado. Uma coisa ou outra, e até ambas, costumam dizer os fugitivos, mentindo. Mentem com engenho e piedade. Quem não conhecer o Garoto da rua, acredita.

O Luciano foi a Coimbra aviar um recado. Trouxe duas arrufadas à Senhora e um passarinho de celuloide à Costureira. Eles têm ordem de comprar qualquer coisa para oferecer em casa, às pessoas da sua simpatia. É uma forma simples e eficiente de conhecer a índole dos rapazes.

O Maioral da Casa de Miranda, veio passar a vindima a Paço-de-Sousa. Houve abraços de entusiasmo na chegada e de saúdaes na despedida.

ASSINATURAS PAGAS

Espera-se que agora, com a faolidade de conta aberta no Banco Espírito Santo de Lisboa, sejam mais a dizer que sim. Ainda vêem de quando em vez para Penafiel ou Pôrto ou Paço-de-Sousa os vales que devem ser pagos em CÊTE, CÊTE, CÊTE.

Um caloroso shake hands aos senhores Maria Augusta G. F. Leitão, de Alvarelhos 50\$00; Macame Azevedo, de Lisboa 5 \$00; Madame Ribeiro, idem idem, Maria Alice Andrade Santos, idem idem, Abílio Marques, do Pôrto a continha dos 20\$00, José Marques Cerdeira, idem idem, Menino José Duarte Archer Menezes, do Pôrto 30\$00, Juventude Católica de Vila Franca de Xira 50\$00. Pároco de Paços de Ferreira 25\$00; Capitão João Falcão Ramalho Ortigão, de Vila Viçosa 50\$00, Chistobalino Teu Marchena, da Paia da Rocha 24\$00; Maria A. M. Andrade, de Braga 50\$00; Lima de Paulo e Cruz, de Coimbra 20\$00, Alexandre Afonso Aragão, de Braga 25\$00 Dr. Acácio Mendes Ramalho, de Lamego 25\$00; Emilio

Apresenta-se hoje o CARLOS VELOSO

O que eu fazia nas ruas do Pôrto. A minha vida era roubar e andar com más companhias. Um dia entrado numa tasca que estava lá uma fruteira perguntelhe a como era cada maçã ela respondeu-me são a fostão cada uma mas eu que já cá tinha uma no bolso disse-lhe que não queria. Um dia indo eu roubar com rapaz como era de costume chegava à porta duma loja roubava batatas, chegava mais a cima à porta de outra loja roubava cebolas e ainda por cima ia roubar as últimas brochas das sapatilhas à minha mãe, e à noite em antes que a minha mãe viesse do trabalho fugia de casa e por 2 vezes foi me um policia a rarr-me à uma hora da noite. E ao outro dia ainda fazia pior saltava à escola uns poucos de meses e muitas das vezes já estava na escola e fugia da escola só para ir a trás dos eléctricos e para fugir para a praia da Ruzalina e uma vez estava o meu irmão já a morrer a fogado e um rapás deitando se na pedra e salvou. Vim aqui em antes da casa do Pôrto estar fundada, e também já lá fui por me portar bem e gostel de lá e agora agradeço a todas as senhoras do Pôrto que tem ajudado esta casa, moro na travessa de S. Victor. O meu trabalho aqui é calador da Capela e a ajudar à missa já temos tudo só nos falta uma roupa verde para a missa do domingo. E também sou o tezoureiro da Conferencia de S. Vicente de Paulo. Os Senhores da minha terra é que nos tem ajudado mais Viva o Pôrto Viva.

Carlos Veloso da Rocha.
O Carlos é uma esperança das nossas Casas. Cumpre. Tem consciencia. Começa a ter horror à mentira. Pede aqui uma roupa verde do Domingo. São paramentos verdes, do altar. Estava eu alojado na capela de Miranda, a preparar-me para celebrar, quando oiço, uma voz aos ouvidos. — *Que roupa é hoje?* Era o Carlos. Achei tanta graça que não corrigi e aqui está éle a pedir *roupa verde*. Quem dera que Coimbra ouvisse e desse a roupa ao sacristão, para não ser o Pôrto a pagar as favas todas!

Gonçalves, de Vale-de-Cambra 50\$00; José Idefonso, de Lisboa 20\$00; Felix Moura, de Braga (porte) 5\$00; Maria Margarida Lobo da Veiga, de Portimão 20\$00, Maria Teixeira Fonseca, de Gondomar 25\$; Isolino Ferreira Querido, idem idem, Dr. Leonel Furtado, de Lisboa 70\$00; João França, do Bombarral 25\$00; Arminda Sousa, de Braga 25\$00; Maria Barobona Lobo da Veiga, de Lagos 24\$00; Mocidade Católica da Igreja do S. Sacramento do Pôrto 20\$00, Pároco da mesma freguesia 50\$00; António Bernardino de Almeida, de Castendo 20\$00; António J. R. Coelho, do Borba 20\$00; Maria das Neves do Amaral, de Tarouquela 20\$00; Maria del Pilar Sottomayor Santos, de Lisboa 2 \$00; Henrique Alegro de Magalhães, da Foz 4 \$00; Joaquim Fernandes, do Pôrto 20\$00; P.º Joaquim Mário de Sousa, de Torres Vedras 50\$00; Judite dos Reis Costa, de Fomalicao 10\$00; P.º António Joaquim Ribeiro, de Bragança 40\$00; Arnaldo Tavares de Castro, de Oliveira do Bairro 20\$00; António Tavares de Araújo e Castro, da mesma terra 20\$00; D. Rosária Pereira Portugal, de Aveiro 2 \$00; Mafalda da Silva Portugal, de Murtoza 20\$00; Dr. Manuel Valadares, de Ribeira da Pena 20\$; Francisco Xavier Ponha, Adélio Novais Pimenta, António Sousa todos de Ribeira da Pena e pagaram 2 \$00; João Santos, do Pôrto 20\$00; Cónego Francisco Alexandrino Miranda, de Sarzedas 20\$00; Guilhermina Pinto Cardoso, de Cartendo 30\$00; Rita Ortigão Gomes Sanchez, de Via Real de St.º António 20\$00. Maria do Céu Cavalheiro Catarino, de Proença-a-Nova 10\$00; Maria Augusta Brites, de Leiria 20\$00; João Rodrigues do Rêgo, de Fomalicao 25\$00; António Joaquim de Carvalho, de Fomalicao 25\$00; Maria do Céu Teixeira Costa Marques, de Tomar 50\$00; Maria Henriqueta Crispiano, do Pôrto 30\$00. Fernando de Oliveira Mendes, do Pôrto 100\$00; Albino Faria de Lisboa 5 \$00, Manuel da Silva Frois, de Boafarinha 20\$00; Celeste Braz, de Lissda 30\$00; Augusto Azeu, do Pôrto 50\$00; Diogo Forjado e Sá, do Pôrto 30\$00; José Carlos Machado, do Pôrto 30\$00; Maria de Lourdes Elizeu de S. Martinho, do Pôrto 20\$00, António Rebelo Pinto Lima Neto da Cruz do Campo 50\$00; Isabel Maria da Silva Neves, da Figueira da Foz 20\$00; José Duarte Baptista, da Guarda 50\$00. Dr. Armando Coelho Sampaio, de Portalegre 50\$00 P.º José Manuel, do Botão 30\$00; Dr. José Marques Neto de Cantanhede 3 \$00; Pedro de Castro Corte-Real, de Coimbra 30\$00. Maria Helena Antunes Barroso, de Riachos 24\$00, Comandante Carlos Calado, de Lisboa 100\$00; Alfredo Jorge Machado, do Pôrto 50\$00.

(Continua)

NOTA DA QUINZENA

O Padre Adriano, começa já a ter quasi toda a responsabilidade da Obra da Rua em Coimbra e espera-se que tenha vida autónoma dentro de breves tempos. Há um ano que ele é da Obra. Trazia suas teias de aranha, quando chegou. Um dia, disse-lhe assim: «Olha; é preciso mandar vir todos os meses um sacco de farinha a mais, porque noto muita fome no povo do lugar».

— Ah! isso não pode ser. Aumenta muito as nossas despesas.

— Oh rapaz, cala-te. Não me tentes. Nós estamos aqui para dar. A nossa missão é dar.

Não sei o que se passou na alma do meu jovem Levita. A farinha veio. O pão distribue-se. Nós continuamos a dar tudo, de tudo. Muitas vezes tenho surpreendido o Padre Adriano em ais de espanto. Mas que é isto Senhor! De onde vem tanta coisa!

Caíram as teias de aranha. Fêz-se luz. Temos homem.

Não sei quem há-de ser o homem do Pôrto. Pergunta-se. Fala-se. Discute-se.

— Ai! o Narciso não vai, que ele não é tolo nenhum.

Eu não perco a minha paz. Não são contos do meu rosário. Não madrugo. O nosso Bom Deus é hoje tão bom para a Obra como o foi no principio. Já me vi mais naufragado e não fui ao fundo! Na hora precisa, há-de aparecer o Homem indicado. Postos de sacrificio, não se pedem nem se oferecem; são de nomeação Divina. Ora eis.

Recapitulação

Assim se dá por finda a nossa cruzada, nas Praias e Termas do País:

Geréz	9.300\$00
Espinho	8.218\$00
Figueira	3.600\$00
Bussaco e Luso (Duas batidas)	8.350\$00
Vidago	10.200\$00
Entre-os-Rios	6.060\$00
Granja	4.200\$00
S. Martinho do Pôrto	7.700\$00
	57.628\$00

Temos 58 contos em números redondos. Eu acho muito. Deve ter a obra um grande poder de evidência, e os homens que me escutavam, muita força de bondade.

Não se julgue, porém, que este dinheiro entrou em caixa. Ora vejamos as seis folhas de pagamento dos três meses, aos obreiros:

Folha 31	11.700\$00
" 32	13.500\$00
" 33	12.000\$00
" 34	13.160\$00
" 35	14.920\$00
" 36	14.600\$00
	79.820\$00

Tivemos de procurar 22 contos, para o jornal dos trabalhadores. Se juntássemos o preço dos materiais e a alimentação das Casas, terias ocasião de observar quam ruins não são de vestir e de usar as camisas de onze varas, que é a medida da minha! Mesmo as tuas ajudas, aliviam, sim, mas não resolvem o problema; só a filosofia do credo na boca a toda a hora e instante:

Credo, Domine!

CARTA DE LISBOA

A CASA DO ARDINA

É sempre com alegria que te vimos dar noticias dos nossos ardinhas, certas da compreensão amiga que em ti encontramos, «Gaiato», irmão!...

E' que a «Obra do Ardina», tal como a compreendemos há seis anos tem o seu quê duma revolução que será ganha à custa de muito sacrificio e renúncia!... A' custa de muito trabalho e dedicação, bem o sabemos!...

Mas—confiamos em todos quantos nos têm provado a sua amizade pelo ardina, confiamos no próprio ardina... continuaremos sempre em frente até à vitória: o transformarmos os ardinhas em homens de bem! Uma vitória difficil, conseguida à custa de muita luta, muita batalha!...

Se nós não tiramos o ardina do meio familiar em que elle se encontra e antes lhe procuramos dar todo o sentido social das suas responsabilidades familiares e profissionais!...

Se nós não o afastamos dos perigos, das tentações, antes os ensinamos a saber vencerem-se e vencer na vida, dominando vícios e praticando virtudes!...

E' que as «Casas do Ardina», tal como a que temos a funcionar na Calçada da Glória 39 (quando nos pagas a visita que dois dos nossos te fizeram?...) são assim como que pequeninas escolas de heroísmo, onde se vencem constantes batalhas lá fora e cá dentro...

Batalhas de Amor, de generosidade, de edificação mútua!...

Aprendemos tanto com o humilde anónimo que nos ajuda e estimula, escondendo-se...

Aprendemos tanto com as pessoas altamente colocadas que tomam de amizade o ardina e a sua «Casa»...

Uma escola de heroísmo, lá fora, a «Casa do Ardina»!... A fazer sobressair as almas grandes no meio de muita cobardia e podridão...

E' uma escola de heroísmo cá dentro, também. Almas de raparigas, algumas, as Noelistas que cheias de generosidade, nos têm ajudado a vencer todas as dificuldades...

Umam vão às famílias, visitam-nas, amparam-nas, educam-nas e alargam assim a uma extensão infinita, podemos dizer, na caridade que fazem irradiar a «Casa do Ardina».

Bem hajam! Que o Senhor lhes pague o que os ardinhas lhes devem...

Almas de rapazes, muitos, sobretudo de ardinhas que já compreendem a sua «Obra» e nos ajudam junto dos irmãos mais novos ou recentemente entrados, e nos fazem sonhar e esperar mais...

«Casas do Ardina», na certeza de vencermos!...

E até os «pequeninos», aquêles de quem te falei há meses, já vão na mesma escola, graças a Deus!

Já são capazes de serem amáveis, gentis até ao sacrificio dos seus appetites...

E tivemos a prova há dias... Almoçámos com o segundo turno, o grupo dos nossos «pequeninos», 8, 9 e 10 anos. Faltava a água em casa nessa altura e estávamos obri-

gados a mandar buscá-la à bica defronte.

Começamos almoçar. Lulas guizadas com batatas, muito appetitosas, a... provocarem sede... Eles e nós, reclamamos água aos que servem—«que secara a bica e não havia nem uma gotinha em casa», é a resposta...

Acalmamos os nervos dos garotos. Falamos-lhe de sacrificio... Eles pouco comprehendem, e queixam-se novamente de sede...

Num gesto de antiga cavalaria, um dos que serve toma o nosso copo (por gentileza, põem-nos sempre os copos maiores) e trá-lo daí a pouco cheio até às bordas...

«—E' tudo o que se conseguiu, para a senhora»...

Dissemos a rir que era muita água e distribuimo-la pelos sete copos dos nossos «pequeninos»...

E valia a pena ouvi-los: «—Não precisamos beba a senhora já não temos sede nenhuma»...

Tentámos explicar-lhes que uma gotinha nos bastava... O Joãozinho e o Armando olham-me com ar entendido...

Tem a palavra o

VENANCIO

O que eu era antes de vir para a Casa do Gaiato Andava a pedir por toda a parte dizendo que não tinha pai nem mãe e combinava com os companheiros para nós irmos à praça tirar fruta. Aranjáva um pau com um bico de arame para espetar na fruta para melhor atirar sem ninguém me ver, fazia que estava a comprar e por trás a roubar. Combinava com os meus companheiros para irmos a uma quinta que havia perto da minha casa. Eu uma vez fui e comi lá muitos morangos que até me deu uma dor de barriga e depois deu-me vontade de fugir. Uma vez fui a uma vinha roubar cachos e estava lá uma ratoeira e fiquei prêso por um dêdo.

Eu sou do Algarve e vim de terra em terra a minha mãe não sei dela o meu pai está na cadeia. A minha irmã pediu ó sr. Padre Américo se me deixava cá ficar. Eu sou do Algarve e chamo-me Venâncio Ferreira! Viva a Casa do Gaiato Viva.

E' verdade; pediu. Era uma mulher estragada do tempo, que trazia filhos atrás de si. Tome-me conta de alguns, meu senhor. Andava de feira em feira e tinha o homem nos trabalhos da Prisão, entregue ao Governô! Escolhi Venâncio.

Muito indolente, foi logo batizado pelos companheiros;—é o pastel. A' maneira que foi crescendo, também cresceu a alcinha; é o pastelão. O Venâncio sorria de contente, bondoso. Todos são amigos do Venâncio.

Sucedem ao Freitas na nossa padaria, e desde Julho até hoje, tem cosido 20 quilos de farinha todos os dias, por causa da alimentação da Colônia de Férias, á conta da Casa do Gaiato. E' muito certo no seu trabalho, nunca altera a voz, não se queixa de ninguém. Que será feito dos seus irmãos? Talvez ele mereça ao nosso Bom Deus, que algum dêles venha bater á nossa porta, para ser nosso... e d'Ele!

Daí a pouco o António, o criadito e vigilante da «Casa do Ardina», participa-nos: o Joãozinho e o Armando saíram sem «licença».

«Logo que voltarem manda-os cá a cima»—retorquimos-lhe e puzemo-nos a trabalhar sossegadamente...

Daí a pouco batem à porta do escritório e entram-nos pela porta dentro os nossos dois «heróis», cansadíssimos de subir a calçada a correr, mas vitoriosos com um copo cheio de água na mão, dizendo-nos: «Beba, olhe que está muito fresquinha!... Fomos buscá-la ao Rossio, pois não havia nenhuma aqui perto»...

Bebemo-la a rir, nem sabendo se seria do lago, se donde era, mas cheias de alegria ao ver naquelles «pequeninos» os homens de bem, os heróis de amanhã...

E o mundo precisa tanto de um bocadinho de heroísmo!...

E nós só sabemos dar-lhe, por enquanto, a muita loucura ardina que temos...

MARIA LUISA.

A nossa Capela

Estão assentes ombreiras. As paredes sobem.

Os trabalhos da Aldeia convergem todos, actualmente, para a Capela. E' o ponto nervoso da obra.

Começaram também as ofertas. Já temos uma importante: a Pixide. E' riscada e trabalhada por mãos piedosas e sabedoras. Temos bastante oiro, mas não ainda o suficiente para o cálice. No conceito dos valores terrenos, vai o oiro na vanguarda. E' o melhor que há. Para Deus, o melhor. Não te escandalizes. O Filho do Homem não disse mal do oiro, mas sim do uso que dele se faz. Oferece-se um presente de oiro a quem se estima. Pois que muito, oferecer um calice de oiro para o serviço de Deus?! Tudo é d'Ele! Insisto. Manda oiro. Paramentos. Roupa, como lhe chama o Tripas de Miranda. Linho do altar.

Os Passos do Senhor, em moldura de bom gosto. Se tiveres a paixão de Francisco de Assis, não dás a vez a ninguém! Trezentos garotos da rua, em pequenina romagem da Via Crucis, dentro da nossa Capela!

Ele há muita gente que discorda da capela. Já mo disseram na cara: Para quê este luxo?

Assim disseram os Fariseus ao desperdicio de Madalena!

Eu cá penso de outra maneira, e ando para a frente. Foge dos homens de um só livro, quando êsse livro é o Evangelho!

Do que se diz
e do que se faz na

Casa do Gaiato de Coimbra

O que nos traz o Correio

- Das cotas dos Sócios Subscritores 4.307\$30.
- Dum pedidório à porta das três Igrejas da cidade, com a valiosa cooperação dos Rev.ºs Párocos: 615\$00
- De vários anónimos de Coimbra: 180\$.
- De visitantes salesianos, 20\$00.
- No Hospital, 50\$; de Pereira, mais 100\$ mais vinte, mais dez litros de vinho, mais fruta tudo da mesma casa.
- Em carta, de Coimbra, 40\$; doutro visitante, 15\$. Uma caixa de sardinha de conserva, de Lisboa.
- De ilustres visitantes, de Queluz, a versar na amêna Louzã, 200\$. Mais 100\$; em segunda visita com raiagados elogios
- Fruta e mais fruta de gente pobre dos lugares próximos e da Quinta do Viso.
- Outros visitantes deixaram 20\$ e mais vinte, mais 5\$, mais 10\$.
- A J.O.C.F. da Louzã, constituída por raparigas modestas visitou também a Casa deixando coelhos, milho, pães, batata e doces. Pobres amigos dos pobres.
- Da Louzã mais 40\$; no combóio, 20\$. No Banco E. S. onde temos conta corrente, só mais 30\$.
- A um gaiato, nas ruas da cidade, 20\$.

As nossas festas

Subiram pela primeira vez ao palco, numa festa íntima que se fez intra-muros, os Gaiatos desta casa.

Apesar de habituados à tragédia - a da vida de cada um - também se conduziram maravilhosamente na comédia e no drama. A assistência numerosíssima, não resgateou aplausos.

-Alegria sã, fizeram vivê-la durante duas horas. Assim se vai esquecendo o negro passado.

Cópia duma carta

Ex.º Senhor Presidente do Conselho Superior das Conferências de S. Vicente de Paulo.

Lêmos no livrinho da sociedade que quando fizesse dois meses de fundada alguma conferência, se devia escrever ao Conselho superior a pedir a sua agregação. Por isso comunicamos hoje a Vossa Ex.ª que há três meses, dez meninos da Casa do Gaiato se reuniram para fundarem uma conferência de S. Vicente de Paulo. A Conferência cá foi dado o nome da Imaculada Conceição.

A reunião é realizada aos domingos. As esmolas distribuem-se às terças-feiras. Temos sempre lavrado as actas com que é costume. Já tivemos uma receita de escudos 796\$00 e já gastamos 543\$50 em roupas, géneros, remédios e agora temos em caixa 253\$50. Já nos morreu um pobre e por ela mandámos celebrar uma missa. No dia de S. Vicente de Paulo todos os meninos da Conferência assistiram à missa e comungaram. Terminamos pedindo a Vossa Ex.ª para nos considerar como filhos mais novos da grande Família de S. Vicente de Paulo com os privilégios correspondentes.

Presidente, José Maria Baltazar; Secretário, João Carlos Freitas; Tesoureiro, Carlos Veloso da Rocha.

Agradecemos muito as últimas esmolas que nos enviaram.

ESTE NÚMERO DE
"O GAIATO"
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

A prece ergue um lar para crianças

Continuação do
número anterior.

De um campo de piquenique, ao alto da rua, vinha um ruído festivo de cantigas e folguedos, mas êle fechou a tudo olhos e ouvidos, concentrando-se na oração: «O Senhor é meu pastor, e não me abandonará.»

Dentro em breve, caía a chuva, uma chuva torrencial, e, minutos decorridos, alguém lhe batia fortemente à porta, interrompendo-lhe a prece. Eram dois rapagões, trazendo uma enorme cesta.

«Nós somos da União dos empregados de bares,» esclareceu um dêles. «A chuva estragou o nosso piquenique, e nós nos lembramos de que o senhor poderia aproveitar isto.» Descobrimo a cesta viu Klingberg que nela havia presuntos, queijos, salchichas, pão e manteiga. «Muito obrigado,» disse; e acrescentou amavelmente: «Não era inteiramente inesperado.»

Numa véspera de Natal, o porteiro de uma casa de bebidas trouxe-lhe uma lata contendo moedas de cobre, muito sujas e explicou, desculpando-se: «Foram apanhadas do pó de serra, em frente do bar.»

Eram cerca de 700.

Admite Klingberg que, nos primeiros tempos, era olhado pelo povo com certa desconfiança. «A maioria das pessoas não compreende o principio da confiança infantil em Deus. Mas o certo é que, através de 40 anos, nunca tive de alterar o método de assegurar a manutenção da obra. O Senhor é tão generoso hoje como foi no tempo em que começamos.»

Poucas instituições funcionam com tão reduzido pessoal administrativo como o orfanato de Klingberg. Tem apenas doze empregados remunerados, alguns dos quais ali servem há mais de 30 anos.

Neste momento, cem crianças são acolhidas no Orfanato. Todas as que passam de onze anos têm serviços de que dar conta. As meninas lavam a louça e põem a mesa; as mais pequenas remendam meias. Os meninos tomam a si as vacas e as galinhas. Não há castigos corporais; mas um pequeno pode ser privado de certas regalias, ou receber, como punição, meias para servir.

O orfanato recebe crianças, venham elas de onde vierem. Não há formulas de admissão. E' um estabelecimento inortodoxo. Os seus fichários não obdecem, em rigor, a regras científica.

«Nem é necessário que obedeça,» observa uma autoridade em problemas sociais. «Não se trata ali propriamente de um asilo, senão da família de John Klingberg; e nunca se ouviu dizer que uma família conserve as fichas dos seus próprios filhos.»

Aos técnicos de assistência social que não concordam com a prática de dormitórios para orfãos, responde Klingberg: «Não é a casa, materialmente, que constrói um belo caracter, mas sim o espírito que nela predomina. Se as crianças notarem que as pessoas por elas responsáveis as amam efectivamente, e são abnegadas, sentir-se-ão como em casa, qualquer que seja o tipo do edificio.»

Ao longo de quarenta anos, já 1.100 orfãos passaram pelo Orfanato. Uma boa proporção dos seus graduados continua a viver nas vizinhanças, casadas as moças, os homens hábeis mecânicos ou pequenos negociantes. Muitos se tornaram missionários. Cerca de cem estão nas forças armadas.

Reunem-se anualmente. Na última reunião, contribuíram com perto de 500 dolares em favor da construção de um novo edificio para crianças pequenas. Um soldado, em serviço nas ilhas Salomão, de lá remeteu seus vencimentos de um mês. John Klingberg tem mais orgulho das suas crianças do que da condecoração que recebeu do rei da Suécia; e a parte mais agradável do seu dia é a que passa a ler-lhes as cartas.

Só uma vez cometeu êle uma quasi violação do seu voto de nunca recorrer a qualquer auxilio humano. Respondendo a uma carta de um banqueiro que lhe mandara uma contribuição, incluiu o retrato de certo menino, dizendo: «Penso que o senhor gostaria de ver o tipo de jôvem a que está prestando auxilio. Esperamos que dia virá em que possa êle ir a alguma instituição de ensino superior.» Assim dito, assim feito! A resposta foi um convite a aparecer com o pequeno. O desfecho foi que êste terminou indo para uma universidade, e é hoje professor de Medicina.

Klingberg reside ali mesmo, numa casa branca, modesta. Com uma energia nervosa e uma aparência física que lhe desmente os anos, cumpre ainda, aos 75, todo o programa de actividade diária. Acorda, nos sete dias da semana, às cinco da manhã e faz a última ronda às onze da noite.

Os olhos claros, a expressão austera, denunciam nele um homem que tem vivido uma vida rica de emoções. Enquanto me falava, ia derramando o olhar sobre o milharal agitado pelo vento, as vacas ruminando na pastagem. Duas meninas brincavam com bonecas nuns degraus em frente. Meninos em recreio gritavam alegremente, no quintal dos fundos da casa. Os olhos do ancião se iluminaram quando ele se expandiu nestas palavras: «Encaramos o futuro com o coração cheio de graças. As bênçãos que Deus me tem dado!»

UM RECADADO Sucede, por vezes, darem-me nas ruas e nos combóios nomes de assinantes e a respectiva importância.

Pode muito bem acontecer que ao chegar a casa, eu entregue as assinaturas sem o dinheiro, e daí o

pedir-se outro que é na verdade, grande impertinência. Ora não é minha intenção extorquir ninguém. Peço aos interessados o favor de levantarem o dedo num simples postal. Na Falperra não é assim; apertam-se as algibeiras! Mas nós não somos de lá.

Narrativa da venda de O GAIATO n.º 15

O Oscar vendeu cem exemplares. Também vendeu uma colecção de o livro *Pão dos Pobres*, que por isso mesmo é o nosso pão. Trouxe uma esmola de 20\$00 de um senhor que deu mais esmolas aos outros vendedores. Trouxe muitos brinquedos e recado de ir um dêles ao Pôrto, buscar dois frangos. E deu cinco senhas de sopa. Trouxe 4\$20 de acréscimos.

O Amadeu vendeu 80 jornais e também uma colecção do *Pão dos Pobres*. Trouxe uma esmola de 20\$00, trouxe um pacote de chocolates, deu cinco senhas de sopa e disse.

O João vendeu livros; vendeu 40 jornais, trouxe 8\$60 de acréscimos e deu de comer a pequeninos famintos.

O Augusto vendeu igual número de jornais, não vendeu livros, recebeu 7\$50 de acréscimos, entregou uma esmola e deu sopas. Estes 4 foram os vendedores do Pôrto.

Em Espinho e na Granja venderam: O júlio, 110 jornais e 3 livros e 35\$00 de acréscimos e trouxe um assinante novo e recebeu 20\$00 de um antigo e deu de comer a muitos catraios da rua. Eles já sabem, e procuram os nossos, nos dias de jornal.

A misericórdia encontra-se com a miséria!

O Periquito vendeu 40 jornais na Granja e trouxe 121\$50 de lembranças e vendeu cinco volumes do nosso livro e esqueceu-se de dar as senhas, que levava, o cabeça gloriosa!

Mas tudo se lhe perdoa, por ter trazido o *Chinês* da Granja. Trouxe ainda 6 assinaturas.

Na vila de Paredes transacionaram o Oscar mai-lo Amadeu. O primeiro, vendeu 20 jornais e o segundo 30 idem, uma madada de livros, trouxe uma assinatura e 8\$20 de amigos.

Das terras de Entre os Rios, regressaram o Júlio e Augusto. O primeiro vendeu 50 jornais e três colecções de *O Pão dos Pobres* e o segundo vendeu 20\$00 e outros tantos livros.

Narraram de como entraram na sala-de-jantar a vender, e de como um senhor lhes perguntara se elles tinham comido:

- Vocês já comeram?
- Nós compramos quinze tostões de fruta.
- Qual fruta!
- E o resultado foi que os pequenos abancaram.
- Meu caro Doutor S. P; aqui lhe deixo o penhor da minha gratidão.

NOTICIA

Um assinante de Lisboa sugeriu, e muito bem, que se abrisse conta no Banco da capital, para dar facilidades de depósito aos que ali quizerem pagar suas assinaturas. Assim se fez. De ora avante, é só entrar no Banco Espirito Santo, dar o nome e a quantia, e sair. Se alguém sentir inclinação e gosto pela nossa obra, pode deixar dinheiro à vontade que os Bancos guardam segredo, e eu também. Temos cá muitos garotos de Lisboa. As nossas necessidades são muitas e instantes.

Aqui fica a notícia.

REDACCO
Casa
P A C
E
tostões
Tir
bora à
tendo
ao dep
do nos
à vida
colégi
Sul
Quiz s
asilo,
pai. A
estatut
Va
asas p
familia
E'
fôra a
que o
deman
que já
Fic
peiro c
deu de
que no
quem t
certa c
juiz as
Op
no que
colheit
os cele
car o e
Ele
tinham
eram c
Ent
dos tra
-A
-E
-N
Isto
nem t
sabida
todos.
que pe
dela p
enterr
No
caótica
garoto
cercan
de pin
arraial
aldeia.
rava u
viver.
O
morte;
nós.
O
de Co
aparec